

TERRA EM TRANSE / 1967

um filme de Glauber Rocha

Realização e Argumento: Glauber Rocha / **Fotografia:** Luis Carlos Barreto e Dib Lufti / **Cenários:** Paulo Gil Soares / **Montagem:** Eduardo Scorel / **Engenheiro de Som:** Aluizio Viana / **Música:** Verdi (Abertura de "Otelo"), Carlos Gomes (Abertura de "Il Guarany"), Villa Lobos (Bachiana n.ºs. 3 e 6), Canto Negro ALUE de Candomblé de Bahia, Samba de Favela do Rio, Sérgio Ricardo (música original) / **Interpretação:** Jardel Filho (Paulo Martins), Paulo Autran (Profirio Diaz), José Lewgoy (Filipe Vieira), Glauce Rocha (Sara), Paulo Gracindo (Fuentes), Hugo Caravana (Álvaro), Danuza Leão (Silvia), Zozimo Bulbul, António Carnera, Emanuel Cavalcanti, Rafael de Carvalho, Mário Lago, José Marinho, Flávio Migliaccio, Francisco Milani, Paulo César Pereio, Echio Reis, Thelma Reston, Ivan de Souza, Modesto de Souza, Joffre Soares, Mauricio do Valle. Participação especial de: Darlene Glória, Elizabeth Gasper, Irma Álvarez, Sonia Clara e Clovis Bornay.

Produção: Zelito Viana / **Produtores Associados:** Luis Carlos Barreto, Carlos Diegues e Raymundo Warderley / **Cópia:** DCP, preto e branco, 107 minutos / **Estreia em Portugal:** Estúdio, a 4 de Maio de 1974

"*Terra em Transe* é, para mim, mais um filme de agitação do que um filme didático. É uma espécie de "meeting" cinematográfico a que falta, naturalmente, o calor, a emoção, o grito." A resposta de G. R. a uma pergunta de Michel Capdenac (que por seu lado comparou o filme aos *Cantos da Maldoror* de Isidore Ducasse, e o seu personagem, o poeta Paulo Martins, a um "Hamlet da esquerda brasileira, dilacerado entre a sua cumplicidade com os políticos pseudo-democratas e oportunistas e a sua concepção romântica de uma revolução sempre traída") em *Les Lettres Françaises*, mostra os próprios limites de **Terra em Transe**, ou antes, o que hoje ele tem de datado, mas que faz também dele um testemunho imprescindível em qualquer debate sobre a América Latina nos conturbados anos sessenta, ou, numa forma mais geral, sobre a participação dos intelectuais no movimento revolucionário. **Terra em Transe** é essencialmente um panfleto, feito de som e de fúria, por vezes grotesco, sempre excessivo e barroco, que acompanha o drama de Paulo Martins, um poeta e militante de extrema-esquerda que vê os seus ideais serem desprezados pelos políticos que apoiou e que pareciam personificá-los. Ele representa a confusão que se instalou na esquerda brasileira desses anos que se seguiram ao golpe de Estado, entra a repressão crescente e a radicalização com apelos à luta armada (Carlos Marighella com as táticas de guerrilha de Che Guevara). A fundação da Acção de Libertação Nacional de Marighella data desse mesmo ano de 1967. Mais do que todas estas referências ou ligações parece ser antes a forma como a Igreja é representada que terá provocado os problemas do filme de G. R. com a censura. Vista à distância a posição de **Terra em Transe** em relação à Igreja talvez seja excessiva (ou reflexo numa radicalização por parte de G. R.), por parte de um realizador que em **Barravento** tão bem soube compreender e dar a entender a importância das

suas manifestações peculiares no Brasil. Ora esses são os anos em que também na Igreja brasileira se manifestam as contradições sociais, de forma aguda. Ao lado de um clero conservador, um outro cresce que não hesita em colocar-se "do outro lado". Em 1965 D. Hélder Câmara recusa celebrar a missa do 1º aniversário do golpe de Estado. Sem ter em conta estes factores, qualquer análise da realidade brasileira de então (mesmo num fictício El Dorado, onde decorre a acção de **Terra em Transe**) fica incompleta.

Análise às contradições da esquerda. **Terra em Transe** é também a denúncia da demagogia do discurso partidário, seja ele populista de cor fascizante (o de Porfírio Diaz, que no final alcançará o poder), seja outro, mais aberto e humano (o de Felipe Vieira), mas que é incapaz de levar até ao fim as suas intenções acabando por ser a sua própria vítima, ao recusar os apelos à resistência que Paulo Martins lhe faz logo ao começo e no final, com a passagem da arma das mãos de um para outro. Há quem veja, e o paralelismo é possível, no personagem de José Lewgoy, uma referência a João Goulart, presidente em exercício na altura do golpe de Estado, cuja passividade e indecisão terá permitido a sua eclosão e a nomeação do general Castelo Branco para a presidência.

A linguagem de **Terra em Transe** faz ela mesma parte deste caos e deste barroquismo. Ela representa o ponto limite das experiências de G. R. no que diz respeito à montagem. Mais do que em qualquer dos seus filmes anteriores, sente-se em **Terra em Transe** a influência de Eisenstein (não o Eisenstein de **Ivan o Terrível**, mas o panfletário de **Outubro**), no choque dialéctico que os planos sofrem entre si, e na própria composição de cada um deles. O plano quase no fim com Paulo Martins disparando contra o céu é um dos mais belos de todas obras de G. R. Também marcada pela influência de Eisenstein é a utilização da música que transforma o filme numa autêntica ópera tropicalista.

Terra em Transe marca o fim duma fase da obra de G. R. Em **Cancer** ela irá equacionar toda a estética de que o anterior é o ponto mais alto.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico